

*Os Poemas
dos Blythes*

*Os Poemas
dos Blythes*
LUCY MAUD MONTGOMERY

Tradução
Thalita Uba



Ciranda Cultural

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto	Revisão
Lucy Maud Montgomery	Mariana Góis Luciana Garcia
Tradução	
Thalita Uba	Produção editorial e projeto gráfico Ciranda Cultural
Preparação	
Fernanda R. Braga Simon	Ilustração de capa Beatriz Mayumi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787p Montgomery, Lucy Maud, 1874-1942

Os poemas dos Blythes / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Thalita Uba ; ilustrado por Beatriz Mayumi. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.

112 p. ; 15,5cm x 22,6cm. – (Ciranda Jovem)

Inclui índice.

ISBN: 978-65-5500-471-7

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Poemas. I. Uba, Thalita. II. Mayumi, Beatriz. III. Título. IV. Série.

2020-2154

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Parte um	8
O Flautista	9
Crepúsculo em Ingleside	10
Desejo a ti	12
A velha trilha que costeia a orla.....	14
Quarto de hóspedes no campo	16
A segunda noite	17
A casa nova.....	18
Hino dos tordos	20
Noite	22
Homem e mulher	24
O homem.....	25
A mulher.....	26
A terceira noite	28
Há uma casa que amo	29
Canção do mar.....	31
A quarta noite	33
A um estimado amigo.....	34
A quinta noite	36
Dia de verão	37
Lembrado	40
A sexta noite.....	43
Adeus ao antigo quarto.....	44
O quarto assombrado	48
Canção do inverno	51
A sétima noite	52
Sucesso	53
O portão dos sonhos.....	56
Um velho rosto	58

Parte dois	60
Mais um crepúsculo em Ingleside.....	61
Interlúdio.....	62
Venha, vamo-nos.....	64
Um dia de junho.....	66
Vento do outono.....	68
Lugares selvagens.....	70
Por si só.....	72
A mudança.....	73
Eu conheço.....	75
A segunda noite.....	76
O vento.....	77
A noiva sonha.....	80
Canção de maio.....	84
A terceira noite.....	86
Alma de partida.....	87
Minha casa.....	89
Lembranças.....	91
A quarta noite.....	93
Crepúsculo canadense.....	94
Oh, caminharemos hoje com a primavera.....	96
Luto.....	99
O quarto.....	101
<i>Au revoir</i>	104
Eu quero.....	105
O peregrino.....	107
Canção da primavera.....	109
A consequência.....	111

*A primeira metade deste livro trata da vida
antes da Primeira Guerra Mundial.
A segunda parte trata da vida após a guerra.*



PARTE UM

Nos meus livros Vale do Arco-Íris e Rilla de Ingleside, um poema é mencionado, “O Flautista”, que supostamente teria sido escrito e publicado por Walter Blythe antes de sua morte, na Primeira Guerra Mundial. Embora a existência de tal poema não seja real, muitas pessoas me escreveram perguntando onde poderiam encontrá-lo. Os versos foram escritos recentemente, mas parecem ainda mais apropriados agora do que antes.

O FLAUTISTA

*Certo dia, o Flautista desceu até o vale...
Doce, extensa e suave era sua toada!
As crianças o seguiram de lar em lar,
A despeito dos entes queridos a implorar,
Tamanho o encanto de sua balada,
Como a canção de um regato da floresta.*

*Um dia, o Flautista retornará
Para entoar aos filhos desta terra suada!
Eu e você seguiremos de lar em lar,
Muitos de nós para nunca mais voltar...
De que importa, se a Liberdade ainda resta
Como a coroa de cada montanha funesta?*

Walter Blythe

CREPÚSCULO EM INGLESIDE

No circuito familiar de Ingleside, Anne Blythe, antigamente Anne Shirley, às vezes lê seus poemas à família na hora do crepúsculo, inclusive para Susan Baker, a governanta-assistente, que está com eles há tanto tempo que parece ser da família. Antes de se casar, Anne escrevia contos ocasionalmente, mas desistiu quando os filhos eram pequenos. Entretanto, ela ainda escreve poemas de vez em quando, e então os lê para a família, que se senta em um círculo para ouvir, sem tecer comentário algum até o fim.

O doutor Blythe *pensa*: “Será que nós, adultos, brincamos o suficiente? Veja a Susan... Ela é totalmente escrava das crianças. No entanto, talvez isso seja uma brincadeira para ela”.

Susan, *que desaprova ao máximo o fato de Walter escrever poemas, mas acha que tudo que a senhora Blythe faz é correto, pensa*: “Não sou muito de sonhar, mas é gostoso ter alguém que precisa de você, eu admito... E eles *realmente* precisam de mim aqui... A Shirley precisa, de toda forma. Uma família com cinco crianças e uma propriedade tão grande quando Ingleside precisa de mais de uma mulher, e é aí que eu entro”.

Walter Blythe *pensa*: “Uma enorme pérola pendendo sobre a sua porta. Sempre pensarei nisso quando vir a lua cheia. Gostaria de poder escrever poemas tão bonitos quanto a minha mãe. Talvez eu chegue lá quando for mais velho. Tenho doze anos agora. Leva bastante tempo para se tornar adulto”.

O doutor Blythe *pensa*: “‘Uma casa pequenina, com belas vigas’. Era assim que eu costumava pensar na nossa Casa dos Sonhos quando me casei com a Anne, há dezesseis anos. O primeiro ‘lar próprio’ de um

OS POEMAS DOS BLYTHES

homem é algo que ele nunca esquece. Mas *eu* teria escrito: ‘Sempre que quiseres praguejar sozinho’.

Susan *pensa*: “Eu sempre gostei do cheiro de menta. Mas quanto menos se falar sobre bruxas diante das crianças, na minha humilde opinião, melhor. Quanto aos tolos... Todos temos incontáveis chances de ser tolos... E nos aproveitamos delas”.

Doutor Blythe: “Suponho que todos precisaremos ouvir o Flautista um dia. Como seremos eu e a Anne quando envelhecermos? Eu serei careca e terei uma papada... Mas ela sempre será a Anne para mim”.

Jem Blythe *diz em voz alta*:

– Minha nossa, a senhora *realmente* sabe escrever poesia, mamãe.

DESEJO A TI

*Amigo meu, no ano vindouro
Eu te desejo um tempo para brincar,
E uma hora para sonhar sob o ocaso de ouro
Quando o clamoroso dia chegar.
(E que a lua, como uma pérola da costa indiana,
Penda qual lanterna sob a porta da tua choupana.)*

*Uma casa pequenina, com belas vigas,
E alguém ali para de ti precisar,
Um vinho gostoso e risadas amigas
Com um ou dois companheiros compartilhar.
(E manter em segredo aquele lugarzinho
Sempre que quiseres chorar sozinho.)*

*Eu te desejo um jardim repleto de rosas,
Belas aquilégias para te deleitar,
O aroma de menta nas tardes chuvosas,
Uma brisa agradável sob a luz do luar.
(Umas noites para cavalgar, outras para dormir
Com as bruxas planando pela noite a bramar.)*

OS POEMAS DOS BLYTHES

*Que uma bela safra de figos possas apanhar,
Com um cardo ou outro a exhibir seu espinho,
Pois enfadonha é a colheita que não ostentar
Pedra alguma em seu longo caminho.
(E vez ou outra, a despeito da razão,
Como um tolo possa agir por opção.)*

*Eu lhe desejo uma sede insaciável
Por toda a graça que a terra pode prover,
Bétulas brancas de beleza infindável
Que a aurora de abril virá florescer.
(E que não haja excessivas ofensas a extinguir
Quando o Flautista quiser finalmente partir.)*

Anne Blythe

LUCY MAUD MONTGOMERY

A VELHA TRILHA QUE COSTEIA A ORLA

*Venta sob a sombra dos pinheiros druidas do horto
E, por entre seus ramos, vejo o contorno arroxeadado do porto.
Ventos do oeste sopram sobre a pele roxa do mar,
E, no horizonte poente, avistam-se os barcos a chegar
Cortando a espuma das ondas douradas do pôr do sol,
E, ainda mais ao longe, vejo reluzir a luz estrelar do farol.
Tudo permanece como costumava ser outrora,
Mas algo se perdeu na velha trilha que costeia a orla.
Tudo aqui ainda reflete você... as águas seu nome sussurram,
Meu coração atento repete as emoções que abundam.
Sua risada na brisa é mais clara do que quando estávamos sós,
Os suspiros dos pinheiros parecem ecoar a sua voz.
Os céus veranis são tão azuis quanto os olhos seus,
As rosas silvestres na margem aguardam, meu bem, o seu adeus.
Mas rosa e amante esperam em vão, pois você não virá mais
Na velha trilha que costeia a orla comigo passear jamais.
E devo seguir meu caminho solitário até a praia e seus rochedos,
E ansiar pelos beijos dos seus lábios e o toque dos seus dedos,
E observar com olhos tristes o brilho roxo do mar distante,
E as velas a velejar pelo porto enevoado e pujante;
Pergunto-me se em terras longínquas, onde rosas raras florescem,
Essas velhas lembranças de mim o seu coração ainda aquecem,
E, se o destino permitisse, você voltaria de bom grado para mim
Para caminhar sob o ocaso na velha trilha que costeia a orla até o fim.*

Anne Blythe

OS POEMAS DOS BLYTHES

Doutor Blythe:

– Em quem você estava pensando quando escreveu isso, Anne?

Anne:

– Gilbert, se você continuar falando com esse tom de ciúmes, vou parar de ler meus poemas para você. Este foi escrito anos atrás e foi motivado pela história de amor de Mary Royce. Você não lembra? E é claro que a velha trilha que costeia a orla é aquela de Avonlea. Tenho certeza de que nós dois passeamos por ela com bastante frequência.

Doutor Blythe:

– Sim, passeamos. E meu coração se entristeceu com bastante frequência depois que você deixou que outra pessoa caminhasse com você para casa na noite anterior.

Susan Baker (*detrás de suas costuras*) pensa: “A mera ideia de deixar qualquer pessoa caminhar com ela até em casa quando poderia ser o médico! Nunca tive um namorado de verdade, mas garotos *já* caminharam comigo até em casa diversas vezes. Não fui totalmente ignorada. Não parece ter importância alguma agora, mas, na época, tinha. Hoje em dia, as garotas perambulam com qualquer um”.